

Resenha

A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro.

Santuza Cambraia Naves

A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro
Nilton Santos

Editora Apicuri

Rio de Janeiro: 2009, 198 p.

O livro *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural no Rio de Janeiro* resultou da tese de doutorado de Nilton Santos, defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Ancorada em trabalho de campo realizado em barracões de algumas Escolas de Samba — Portela, Porto da Pedra, Beija-Flor e Acadêmicos do Grande Rio — e com os carnavalescos Alexandre Louzada, Xangai, Joãozinho Trinta e Maria Augusta Rodrigues, a pesquisa é um exemplo de etnografia bem resolvida. O registro descritivo do universo pesquisado revela o humor instigante e inteligente do pesquisador, permitindo ao leitor, além do conhecimento de um determinado aspecto do carnaval carioca, a fruição de um texto agradável.

A descrição etnográfica releva os bastidores da pesquisa, a maneira como foram feitos os primeiros contatos com pessoas ligadas ao carnaval, as dificuldades em fazê-los, as conversas ouvidas nas salas de espera e a observação do comportamento das várias pessoas envolvidas com o carnaval, entre outros aspectos. Os eventuais desencontros com os carnavalescos e os problemas decorrentes de pessoas se negarem a dar entrevistas, ou a remarcarem sucessivamente os encontros combinados, em vez de serem vistos como perda de um tempo precioso para o avanço da pesquisa, foram tomados pelo autor como situações significativas de sua experiência de campo. Um caso exemplar deste tipo de procedimento é a maneira como Nilton Santos enfrentou as dificuldades para conseguir o contato com a carnavalesca Maria Augusta Rodrigues: enquanto tentava alcançá-la através de alguns mediadores, incluía esses últimos na sua rede de informantes.

O capítulo III, intitulado “O carnavalesco: entre a precariedade e a profissionalização”, discute de maneira arguta as ambiguidades constitutivas da profissão de carnavalesco. Esta condição ambígua em muito se deve, segundo Santos, ao fato de o carnavalesco operar com dois sistemas de valores incongruentes entre si, relativos tanto à ordem hierarquizada de um registro tradicional quanto ao modelo igualitário da experiência moderna. No primeiro, predomina o etos da palavra empenhada e a determinação de cumprir o código

de honra da tradição específica a que se presta reverência, procedimento típico de um universo caracterizado por relações pessoais (principalmente entre o carnavalesco e a direção da Escola de Samba, ou o presidente, como no caso da Beija-Flor de Nilópolis e Anísio Abraão David). No caso do segundo sistema, prevalece o etos do mercado, congruente com práticas impessoais e racionalizadas do capitalismo moderno. Nilton Santos fornece um exemplo concreto desse tipo de instabilidade, ao relatar a tensão provocada pelo descumprimento da palavra dada ao carnavalesco Paulo Barros pelo presidente da Caprichosos de Pilares.

Outra reflexão importante, desenvolvida no capítulo IV, intitulado “Maria Augusta Rodrigues, a formação de uma mediadora no mundo da festa carnavalesca ou ‘Porque nada é por acaso’”, refere-se à maneira como Maria Augusta aciona o repertório básico de informações que contribuem tanto para a sua criação estética quanto para a constituição de sua identidade de carnavalesca. De maneira não hierarquizada, Maria Augusta arrola os elementos que concorrem tanto para a sua criação estética quanto para a formação de sua identidade de carnavalesca: os populares (folclóricos) com os quais teve contato, principalmente por intermédio de sua mãe, em São João da Barra, cidade do Norte do Estado do Rio de Janeiro onde nasceu e foi criada; os eruditos, relativos às informações obtidas durante o período em que cursou a Escola Nacional de Belas Artes (EBA/UFRJ); e os incorporados da cultura de massa. Assim, entre os elementos listados por Maria Augusta, contribuem as cores populares de sua terra natal, a Escola Nacional de Belas Artes, os livros da biblioteca de seu pai e as revistas de moda internacionais de sua mãe, ou, como diz Maria Augusta, à p. 116: “todo um universo de fantasia e de cenografia de carnaval que está na minha origem”.

Maria Augusta acrescenta outros elementos que contribuem para a sua formação ao longo de sua trajetória, como os incorporados por meio de viagens. A carnavalesca faz o relato de viagens “formadoras”, como a estadia em Paris por sete meses (1969-70) e, posteriormente, a viagem ao continente africano (Argélia e Marrocos). E Nilton Santos cita, também a propósito da formação de Maria Augusta, a rede de relações sociais acionadas por ela, como a figura de Manoel Maurício, professor de História da UFRJ que deixou marcas em toda uma geração de alunos. De igual modo, a vivência de Maria Augusta no Salgueiro (sua primeira Escola) é enfatizada como experiência importante para a constituição de sua identidade artística.

Outra questão importante abordada no livro refere-se ao papel inovador de Maria Augusta no universo das Escolas de Samba, no sentido de promover uma mudança radical na linguagem carnavalesca em meados dos anos 70, quando, ao trabalhar o carnaval da União da Ilha, tematiza Menotti del Picchia, em 1976, com o enredo “Poemas de máscaras em sonhos”; em 1977 toma “Domingo” como tema e, em 1978, “O amanhã”. Maria Augusta inovou ao fazer uso de cores e de materiais mais baratos, priorizando enredos baseados no cotidiano e abandonando as temáticas históricas. Em entrevista para Nilton Santos (p. 147), Maria Augusta revela a sua opção pela estética do “luxo da

cor” (referenciada a seu trabalho na União da Ilha) em oposição à do “luxo do brilho” (referenciada a Joãozinho Trinta, na Beija-Flor).

Os principais temas abordados por Nilton Santos neste livro são, como o subtítulo indica, a constituição dos estilos dos carnavalescos e a mediação cultural realizada por eles no cenário cultural do Rio de Janeiro. À medida, entretanto, que novas questões são acionadas a partir do desenvolvimento da problemática central, o autor as enfrenta de maneira competente. Ao lidar com desenvoltura, por exemplo, com o tema da ambiguidade característica do mundo da produção carnavalesca, que oscila entre os registros tradicionais e modernos, Santos alude a planos extracarnavalescos da nossa cultura e contribui de maneira significativa para as reflexões relativas à sociologia das profissões no Brasil.